

Entrevista com Márcio Souza

Rocío Ferreira e Jossiana Arroyo, Universidade da Califórnia em Berkeley

No dia 25 de fevereiro deste ano tivemos a oportunidade de entrevistar a Márcio Souza em Berkeley, Califórnia. Márcio Souza, conhecido romancista, dramaturgo, cineasta, ensaísta e ativista político, é atualmente Diretor do Departamento Nacional do Livro na Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, e professor visitante de literatura brasileira na Universidade da Califórnia em Berkeley. Na nossa entrevista o nosso interesse maior foi saber um pouco mais sobre a sua atividade intelectual bem como de sua participação na salvação da Amazônia.

Márcio tem posto seu trabalho como intelectual à disposição daquilo que ele crê imprescindível: recuperar a floresta amazônica. Seus romances, teatro, filmes, e outras atividades em que ele tem estado envolvido visam sempre esse fim. Além disto, seu trabalho junto aos sindicatos de seringueiros nos anos 80, quando foi vice presidente do P.T. (Partido dos Trabalhadores) em Manaus, fez de seu compromisso um projeto de vida. O interesse dele em proteger o imenso território da selva tropical não se limita só ao problema ecológico o qual ele reconhece abertamente, mas também à valoração do elemento humano. Para Márcio, o genocídio e a exploração dos grupos indígenas pelas indústrias extratoras ou farmacêuticas com interesses econômicos é o ponto central do problema real da Amazônia. Por conseguinte, não se pode deixar de lado a organização de uma nova economia pós-industrial e neoliberal nos países em via de desenvolvimento e as exclusões que esta propõe. Neste sentido, a formulação de

várias interrogantes é eminente: quem fala pela Amazônia? Dentro de que espaço formular a heterogeneidade e diversidade cultural destes grupos? E finalmente, como representar este espaço sem usar discursos excludentes?

Para Márcio, como intelectual e ativista político, estas motivações resultam urgentes. Um sentido forte de avaliação e conscientização, mesmo disfarçado, marca seus textos mais representativos. Aos treze anos inicia sua colaboração como crítico de cinema. Aos dezesseis, colabora na fundação do Grupo de Estudos Cinematográficos de Manaus. Em 1968 começa a fazer cinema como roteirista, e no ano seguinte produz seus primeiros curtas-metragens: *Sentir a vida*, *Manaus Fantástica*, *A Coisa Mais Linda que existe ou A Trajetória de um Seringueiro*. Em 1972 dirige dois longas-metragens: *O Rio de Sangue* e *A Selva*, baseada no livro de Ferreira de Castro. A obra teatral de Márcio é bastante extensa, porém, a grosso modo, pode-se dizer que obedece a sua preocupação em denunciar o resultado da sobreposição conflitante de sistemas culturais divergentes. Em 1974, a primeira direção teatral de sua peça *Ajuricaba* pelo Teatro Experimental do Sesc (Amazonas), ganha o prêmio de melhor texto no I Festival Nacional de Teatro de Campina Grande, Paraíba.

Com *Galvez Imperador do Acre*, publicado pelo governo do Estado do Amazonas, Márcio inicia sua carreira de romancista em 1976. Este seu primeiro romance conta "a vida e a prodigiosa aventura de dom Luiz Galvez Rodriguez de Aria, nas fabulosas capitais amazônicas e burlesca conquista do

Território Acreano.” O romance se situa no século XIX no momento em que a revolução industrial incrementou a demanda da borracha. A borracha foi o fator fundamental do “Boom” amazônico que converteu Manaus, a capital da selva, na cidade dos caçadores de fortuna e de aventureiros. Visionário de origem espanhola, Galvez conspirará a conquista para anexar o Acre ao Brasil. Artistas, loucos, prostitutas e outros também lutaram pela causa. Galvez se torna, então, o chefe supremo do Estado Independente do Acre. No entanto, o governo de Galvez termina com um golpe de estado dado por um bando de rebeldes. Com esse livro, Márcio ganha o prêmio de revelação de escritor conferido pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Os romances posteriores de Márcio põem em evidência a combinação de formas tradicionais e modernas, numa prosa concisa e ao mesmo tempo impregnada de humor, sutilezas políticas e culturais, que refletem o presente caótico da realidade latino-americana. *O fim do Terceiro Mundo* é o título de seu último romance escrito em 1989.

Márcio enfoca o problema da Amazônia como matéria básica de sua criação ficcional, e devido ao seu interesse no assunto, torna-se diretor de planejamento da Fundação Cultural do Amazonas.

Pergunta: Conhecemos um Márcio Souza cineasta e romancista envolvido diretamente com o espaço cultural. Márcio, gostaria que você falasse um pouco sobre a possível relação existente entre estes dois campos e por que você deixou a sua atividade cinematográfica para se dedicar ao seu trabalho como romancista.

Márcio Souza: Realmente eu comecei fazendo cinema quando estudava na Universidade de São Paulo nos anos 70. Quando entrei na faculdade em 66, eu queria fazer cinema mas acabei fazendo Ciências Sociais em vez de fazer um curso de cinema mesmo. Achava que era mais importante fazer um curso que tivesse uma

visão sobre o país e a sociedade. Vivia em São Paulo e me sustentava escrevendo roteiros. Nessa época o Brasil tinha uma indústria cinematográfica muito forte, e o país não atravessava grandes crises econômicas, de maneira que era possível a produção de muitos filmes. Em São Paulo, que tinha uma indústria que não dependia do governo, produzia-se uma média de sessenta filmes por ano. Nesse período trabalhei exclusivamente com cinema para uma firma chamada Servicine. Nas férias da faculdade, eu trabalhava na equipe, e fazia de tudo. Como assistente de produção, fiz vários filmes de cangaceiro. Eu gostava muito disso. O que foi realmente mais importante para mim como escritor foi fazer roteiros. Primeiro, porque dessacralizou completamente o trabalho de escritor. Eu fiquei livre de mitificar o trabalho do escritor. Também ouvindo aos produtores aprendi a conhecer o público, a escrever uma estória que interessasse ao público. E de fato uma das minhas estórias, em 1971, foi filmada e foi o segundo filme de maior bilheteria no Brasil. Foi um filme comercial muito ruim, que inclusive eu não assistiria mais. Com isso eu tive um aprendizado ao saber que existe uma audiência, que existe um público, existem leitores. Comecei a escrever sem perder a perspectiva de qualidade: não fiquei com vontade de ganhar leitores a qualquer preço, de ficar fazendo literatura descartável, escrevendo qualquer coisa. (Isto foi um aprendizado importante porque no Brasil e na América Latina o escritor tem vergonha de ser profissional. Por esta razão é que é uma literatura com muitos diplomatas. Há diplomata-escritor que tem medo de ser escritor. Por exemplo, o México, se abolisse a diplomacia, acabaria a literatura mexicana. Ou como aconteceu nos anos 60/70 no caso dos autores do “Boom” da literatura latino-americana).

Nessa época depois de que fiz vários intentos de filmagem, como o documentário *Festa do Sol* para a TV brasileira, percebi que

meu negócio era escrever. Gostava mais de escrever as histórias dos roteiros. E pesquisando para minha tese de mestrado sobre a história literária do estado do Amazonas e a história da região, descobri um personagem que era uma nota ao pé de página (desconhecido, sem importância) que é o Galvez. E eu usei esse personagem para escrever o primeiro roteiro. Começou sendo um roteiro para um filme e virou um romance do qual eu tinha várias versões. Em 1975 tinha começado uma versão que foi publicada pela Secretaria da Cultura do Estado do Amazonas, num momento em que eles queriam publicar uma série de livros em edição popular. Esse romance, *Galvez*, saiu em setembro de 1976 numa edição pequena de mil exemplares. Foi um best-seller no Brasil, mas ao mesmo tempo foi um fenômeno estranho porque nos anos 70 a literatura no Brasil era muito militante: denunciava muito a ditadura, a miséria, a repressão, etc. Era muito séria. Pessoalmente acho que a literatura brasileira em geral é muito pessoal, muito centrada. O que eu vejo com muita preocupação. Ao contrário, meu romance era muito engraçado e ia contra a norma, e assim ressaltava facilmente. Acredito que isto tenha atraído o leitor. O romance estava muito próximo do espírito brasileiro, da informalidade. E isso parece ter sido a razão pela qual o livro teve sucesso. Atualmente é bom ser escritor no Brasil porque não há mais repressão, não há restrições, e alguém pode escrever o que quiser.

Pergunta: Dos seus romances, qual você considera o melhor?

Márcio Souza: Olhe, eu gosto geralmente do que estou fazendo na hora mas não volto muito a ler o que já foi publicado. Gosto dos outros também, mas já foram publicados e eu não tenho muita ligação. Eventualmente quando eu fundei a minha editora, resultado da falta de profissionalismo das editoras, e fui tirando os livros das outras e fui republicando, fui

mexendo nos textos. Neste caso eu voltei para ver se tinha alguma coisa para fazer uma nova edição. Às vezes acontece coisas assim, como quando eu fui reeditar por minha editora o meu segundo romance *Operação Silêncio*, que é um livro muito experimental, (o único que eu fiz assim como experiência de linguagem, de tempo, de narração, de narrador. É o livro mais difícil para o leitor comum). E como eu achava que um escritor num país como o Brasil não se podia dar ao luxo de ser obscuro; que tinha que ganhar leitores, eu resolvi reescrever mesmo o livro, mas só que não consegui. Num momento em que eu já estava nas duzentas páginas, depois de já haver reescrito a estória, —e eu achava que estava reescrevendo— as pessoas liam e diziam que aquilo não era a mesma estória e sim uma outra que não tinha nada a ver. E de fato era um outro romance: era *Condolência*. Então eu gosto de todos os meus romances num momento dado, mas não volto muito atrás para reler.

Pergunta: Você falou um dia desses que está terminando de escrever um novo livro aqui em Berkeley. Pode nos dizer algo sobre este seu novo projeto?

Márcio Souza: Sim, eu estou terminando uma antologia de cinco contos. Esse livro já tem um ano que deveria haver saído. Normalmente não escrevo contos porque quando começo a escrever os contos viram romances. O dom da brevidade não é muito meu caso. Achando que tinha muito pouco tempo para escrever um romance, e que tinha que publicar alguma coisa, decidi então, escrever alguns contos nessa espécie de intervalo. E fiz esses cinco contos que terminei aqui. Eles não têm um tema, não têm ligação um com outro. A única coisa é que eles se passam na cidade de Manaus atual. São contos contemporâneos, histórias atuais. Na verdade eu fiquei com medo de editar porque eu nunca publiquei contos, e toda a crítica vai estar esperando. Então fiquei mexendo nos contos o tempo todo e acabei me atrasando. Agora eu consegui

terminar o livro. O título é *Caligrafia de Deus*. Os contos têm personagens como garimpeiros que vão para o Amazonas; os índios e as índias distribuídas com o impacto de viver numa cidade como Manaus; pessoas que vêm do interior para tentar a vida na cidade. Também têm a estória de uma ecologista que tenta fechar um curtiço que tem mais de duzentos anos na cidade e dá emprego para um monte de gente, mas que polui a região com técnicas defasadas, uso de produtos químicos, etc. No ano que vem eu estou mandando o disquete para o editor e o livro irá sair em junho no Brasil. Junho e julho são as datas limites para as edições no Brasil porque há a Bienal do Livro em São Paulo e tem a Feira de Frankfurt. Então todos os livros estão sendo trabalhados para saírem antes.

Pergunta: Para Márcio escritor, como se representam as vozes da Amazônia? Quem fala pela Amazônia em seus romances? Como é esta voz e que realidade ela procura representar?

Márcio Souza: Eu aprendi muito da Amazônia e sobre os temas da região lendo nos arquivos na Universidade do Amazonas. Isto parece incrível porque eu era de Manaus, morava ali e compreendi que não sabia nada da minha cidade. Descobri em 1972, quando estava montando o filme “A Selva” e percebi que não sabia como tratar a selva, a região, os temas da região. Eu era como um estrangeiro ali, como um escandinavo fazendo o filme. Então comecei a pesquisar sobre a região. Achei coisas surpreendentes, fiquei conscientizado com os problemas da Amazônia e aprendi muito da cultura indígena lendo a documentação colonial nas bibliotecas. Uma das coisas foi que tive acesso ao processo da chamada “guerra justa” contra os índios bura. Por outro lado, já nas minhas peças de teatro eu trabalhei muito com a cultura indígena. Tenho algumas peças que são até muito complicadas para serem montadas no Brasil. Entretanto, algumas foram montadas no Amazonas. No

romance *Mad Maria* por exemplo, tem o personagem do Diocarifuna que é construído para mostrar as particularidades da cultura carifuna, mas também tem uma estreita vinculação com a estória que tem no livro. Ele é um distribuído uma vez que a tribo dele vai sendo dizimada e então ele passa a viver em torno do acampamento dos trabalhadores. E ele fica fascinado com aquela nova tribo que surge ali, e vai cometendo pequenos roubos; por exemplo, ele rouba bobagens, canetas, um pente para pentear o cabelo etc. Um dia ele é flagrado roubando. Então os trabalhadores o punem cortando-lhe as mãos. Um médico fica com pena dele, trata dele, manda-o para um hospital, salva-lhe a vida e o Diocarifuna desenvolve uma capacidade de usar os pés em lugar das mãos. Até aprende a tocar piano com os pés e toca várias músicas, inclusive a valsa de um minuto do Chopin em trinta segundos. Finalmente acaba aqui nos Estados Unidos, onde morre de doença venérea.

Pergunta: Nesta representação do Diocarifuna se metaforizam com humor os problemas reais da população indígena na Amazônia como o genocídio, a “desterritorialização,” todos essenciais à colonização. Você acha que a problemática da Amazônia está estreitamente vinculada a uma problemática colonial?

Márcio Souza: Certamente acho que o mais grave é que em todos os países amazônicos: Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Brasil, eles —o poder central desses países— tratam a região como território colonial, embora ela não tenha status colonial. Isto é comum. Por exemplo, o governo de Fujimori. Eles decretaram uma série de medidas econômicas inclusive criando zonas de livre-comércio na Amazônia peruana sem perguntar a ninguém lá da região amazônica do Peru, simplesmente decretaram. O mesmo que fizeram a um ano atrás no Brasil quando aconteceu aquele incidente com os índios ianomamis na Venezuela, assassinados por garimpeiros

brasileiros, e a fuga do assassino do Chico Mendes. Com o clamor mundial, o que eles fizeram? Criaram um Ministério sem consultar a ninguém, a nenhum governador, a nenhum movimento popular. Isto é uma herança do período colonial, porque quando se cria um Ministério é porque essa região é como um "protetorado." Isto é o que reduz inclusive as proporções da questão amazônica dentro dos próprios países. Fato que acaba por reduzir as questões nacionais ou internacionais a uma questão regional. E quando você trata de questões regionais, você limita as soluções, você fragiliza politicamente. Então você não dá condições de transformações, e este é o aspecto mais grave.

Pergunta: Com a intervenção econômica das empresas internacionais, como mudou a economia dos indígenas e suas formas de vida?

Márcio Souza: Internacionalmente há, hoje, primeiro os negócios da biotecnologia em que milhões de dólares são investidos. Há o poder da indústria farmacêutica e da agricultura. Estes dois campos da economia perceberam que a faixa tropical representa um repositório importante para a renovação e para o avanço destes campos. Desta maneira os interesses internacionais perceberam que havia um erro, um desvio nos projetos econômicos locais. Quer dizer, em vez do Brasil, do Peru, da Colômbia estarem investindo em investigação biológica, estavam fazendo investimentos para criação de gado, porque do ponto de vista econômico não era relevante e além disso destruía a possibilidade de pesquisas futuras com o desmatamento, etc. Deste descompasso entre os projetos nacionais e internacionais tem se gerado esse humanismo internacional, muito contraditório e conflitivo na denúncia dos problemas. Essa contradição não inclui os povos indígenas porque para esse tipo de nível econômico os povos indígenas não têm a menor importância.

Pergunta: Neste caso, que papéis os

grupos ecológicos na Amazônia tem desempenhado? A participação deles tem sido positiva ou negativa?

Márcio Souza: Eles são muito divorciados da realidade amazônica. O movimento interno é político e não se caracteriza como ecológico. Por exemplo, as grandes reações à resistência da região amazônica contra uma maior integração econômica durante o regime militar foi levada à prática por sindicatos de trabalhadores rurais, urbanos, intelectuais, cientistas, a classe média, e alguns empresários locais que resistiram, mas que nunca se caracterizaram como ecologistas. Era uma ação política, de cidadania. Depois quando começa o discurso ecológico, esse discurso é visto com desconfiança. Mas hoje se busca uma certa unificação, conhecer os grupos. Até o final dos anos 80 não se conhecia nada do Chico Mendes em nenhuma área da Amazônia. Ele só foi reconhecido depois de que foi assassinado. O que aconteceu na Amazônia foi precisamente o fato de que Chico ficou marcado dentro da região como uma pessoa que queria entregar a região amazônica aos estrangeiros. Num livro que eu publiquei sobre Chico tive que combater muito esta idéia. Porque apareceram discursos dele como ecologista, protetor do verde, das plantas, como sábio primitivo que ajudava as pessoas cultas do mundo inteiro, etc. e isto soava mal. Quando Chico morreu, toda a mídia, toda a televisão, produtores de Hollywood ofereceram milhões de dólares pelo direito de filmar sua vida. Você imagina um sindicalista que estava lutando no dia a dia ali e de repente vê isso?

Pergunta: Isto fez com que se mudassem as alianças sindicais?

Márcio Souza: Uma vez que a única economia extrativista se concentra no Acre, a força maior do movimento ecológico lá se vai concentrar, ao contrário de Manaus e Pará cujas economias são industrial e agro-industrial, respectivamente. Durante o

tempo da ditadura militar o Acre era o único estado que tinha uma igreja progressista ligada a Teologia da Libertação. Este trabalho conjunto se iniciou nos anos 60 com os trabalhadores rurais que depois começam a ganhar as eleições no estado. Chico Mendes, por exemplo, se elegeu duas vezes. E efetivamente os ecologistas mudaram as alianças sindicais que o Partido dos Trabalhadores fizeram. O P.T. por ser de militância de esquerda não aceitava essa leitura ecológica. Isto foi dividindo a linha reta, digamos assim, que existia entre o trabalho da Teologia da Libertação e o Partido dos Trabalhadores. Quando Chico morreu, os ecologistas tinham conseguido desmontar todo o trabalho do partido. Agora existe um Partido Verde no Rio de Janeiro, formado pela classe média alta que mora na praia de Ipanema e defende a Amazônia à distância. Na Amazônia, esta divisão foi nefasta e só restaram organizados os povos indígenas porque eles não tinham nada a ver com os ecologistas.

Pergunta: Qual era o seu trabalho no P.T.?

Márcio Souza: Bem, eu fui o fundador histórico do Partido dos Trabalhadores em São Paulo, assinando a ata inicial em 78, e ajudei a montar o partido no estado do Amazonas e na Amazônia Ocidental, isto é no Acre e Rondônia. Então eu trabalhei estreitamente com os trabalhadores rurais do Acre: ia sempre lá, fazíamos reuniões, interpretava documentos, porque tudo era muito complicado. Veja bem, o P.T. começa a se tornar um partido ainda dentro da ditadura, e a lei que havia sido criada pelos militares dificultava ao máximo a criação de partidos. Você tinha que passar por mil e um obstáculos, quer dizer, era muito complexo. E nós tínhamos pouca gente para fazer isso. Em Manaus nós tínhamos um advogado especializado que fazia isto. Então eu viajei muito, não somente pelo interior do estado como (pausa). Por exemplo, no Acre eu tinha muita ligação com Wilson Pinheiro

que foi assassinado. Chico Mendes trabalhava lá e aprendeu com ele. Nessa época eu não cheguei a conhecer o Chico. Vim a conhecê-lo depois, justamente depois do assassinato do Wilson numa missa de sétimo dia em que o Lula havia ido com outros líderes sindicais. O Lula fez um discurso dizendo que se a justiça não descobrisse os criminosos —que eles já sabiam quem eram— que era lícito os trabalhadores tomarem a justiça nas próprias mãos. Então no dia seguinte os quatro pistoleiros que haviam assassinado a Wilson e o fazendeiro mandante do crime foram assassinados. Só que a coisa não tinha nada a ver com o discurso do Lula, o que foi provado depois. Mesmo assim os militares processaram Lula e todas as outras pessoas que estavam no palanque.

Pergunta: Que possibilidades você vê na candidatura de Lula agora?

Márcio Souza: Até agora acompanhando as diversas pesquisas, o Lula continua na frente com mais de 30%, mas ainda está muito longe do primeiro turno das eleições que será no dia 3 de outubro. Então, até lá muita coisa pode acontecer. Ao que tudo parece, o próximo presidente do Brasil será o Lula ou qualquer outro candidato cujas propostas estejam mais próximas às propostas do P.T. A direita não vai ter condições de ter ninguém, uma vez que toda ela naufragou nos processos de corrupção. O único que poderia ser candidato sem ter ligações manifestadamente com esses últimos processos de corrupção seria o Antonio Carlos Magalhães, da Bahia, mas ele não tem popularidade. E depois, dificilmente um político nordestino seria eleito depois do fiasco do Collor. Provavelmente nós iremos ter um candidato de centro-esquerda.

Pergunta: Você pensa que haveria mudanças para a Amazônia?

Márcio Souza: Certamente. Para começar esse Ministério da Amazônia seria refeito, distinto, mas haveria projetos. No governo passado eu fiz algumas propostas que haviam sido aceitas pelo partido e este

ano nós ainda vamos elaborar um projeto. Está sendo feito um projeto mais global sobre a questão do Brasil, mas basicamente não deve mudar. Seria uma moratória dos programas econômicos durante o governo do Partido dos Trabalhadores. Ou seja, durante cinco anos nenhum projeto econômico novo. Seria mais um reestudo de todos os projetos implantados na região, como pontos gerais. Agora, há outros pontos específicos vinculados à agricultura popular e a outras coisas. O terceiro ponto seria: durante quatro anos aconteceria uma investigação nos campos das Ciências Sociais e Ciências Naturais, dando todo apoio aos organismos científicos e às universidades locais. Dessa maneira, o país teria um maior interesse em manter contato com todas as universidades internacionais que quisessem mandar pesquisadores, ou quisessem criar convênios, etc., para fazer trabalho na região nesse período. O que seria feito justamente para romper um círculo vicioso que somente fala, mas que não faz nada para superar essa questão. Basicamente seriam estes três pontos num governo do Lula.

Pergunta: Com respeito a sua estadia aqui em Berkeley, que impressão você tem

deste lugar? Deu para você desenvolver algum outro projeto?

Márcio Souza: Está ótima. Parece que já me habituei aqui. Primeiro queriam que eu ficasse no próximo semestre aqui para dar um curso de literatura hispano-americana, mas não posso ficar porque já tenho muitos compromissos no Brasil. Entretanto, provavelmente no ano que vem neste mesmo período eu vou estar voltando aqui e vocês não vão se livrar de mim tão facilmente. Tem sido muito importante estar aqui porque eu estou com um projeto de fazer um livro com a história global da Amazônia. Quer dizer, a Amazônia como região internacional, e o curso que estou dando agora e as respostas também dos alunos têm me ajudado muito a investigar e a pensar nesta questão. Em geral minha estadia na Califórnia tem sido muito produtiva.

Nota

¹Nosso agradecimento especial a Vivaldo A. Santos pela ajuda com a transcrição lingüística da entrevista.